

QUINHENTOS ANOS DE QUATRO REVOLUÇÕES

Miguel Freire

MAX BOOT

**War Made New.
Technology,
Warfare,
and the Course
of History.
1500 to Today**

Nova York,
Gotham Books,
2006, 624 páginas

Desde meados da década de 90 do século passado que o tema da Revolução nos Assuntos Militares (RAM) tem preenchido um espaço privilegiado no debate acadêmico e político, na esfera dos assuntos de segurança e defesa. Contudo, o conceito de RAM foi dando lugar ao jargão de «transformação», muito por influência do então secretário da Defesa da Administração americana, Donald Rumsfeld. Um novo vocábulo para as antigas e sucessivas reorganizações ou reestruturações que as forças armadas, maioritariamente dos países ocidentais – por imposição da dinâmica do contexto de segurança (algumas vezes materializado pela derrota no campo de batalha) ou da simples imposição política (nem que seja por asfixia orçamental) – têm realizado ao longo das últimas décadas. É sobre estas (r)evoluções verificadas nos últimos quinhentos anos, inseridas no contexto social e político que as causou, ao mesmo tempo que as determinou, que Max Boot se debruça na sua nova obra *War Made New. Technology, Warfare, and the Course of History. 1500 to Today*.

O objectivo a que o autor se propõe é o de conseguir uma abordagem capaz de agregar passado e presente, com vista a providenciar reflexões sobre o futuro. Por esta razão, este investigador do think tank norte-americano Council on Foreign Affairs pôs de lado qualquer tentativa de construção de um modelo definitivo sobre a forma como as inovações militares ocorrem, uma tarefa que diz ser para os cientistas sociais; ou ainda de redigir um manifesto a apelar para uma mudança radical do mundo militar, uma tarefa que diz ser para visionários e estrategas, mas que leva a efeito nas colunas do *Los Angeles Times*, onde, semanalmente, assina uma coluna. Trata-se, somente, de um trabalho a retratar os últimos quinhentos anos da história da guerra pelo prisma das quatro grandes revoluções que o autor considerou como tendo mudado tanto a natureza da política e da sociedade, como também a forma como se combate: a revolução da pólvora (c. 1500-1700), a revolução industrial (c. 1750-1900), a segunda revolução industrial (c. 1900-1940) e a revolução da informação (c. 1970-2000). Já no fim da obra, Max Boot levanta ainda o véu

para algumas revoluções que poderão estar a desenhar-se no horizonte como, por exemplo, a robótica, a guerra das estrelas, as armas electromagnéticas e a nanotecnologia, e que poderão vir a moldar o contexto social e político e, conseqüentemente, a forma como se faz a guerra.

Embora a obra esteja organizada, em cada uma das revoluções, em torno de inovações militares, o autor é claro quanto ao papel limitado da tecnologia que «determina os parâmetros do possível e cria o potencial para uma revolução militar», isto porque, «nenhum avanço técnico por si só fez uma revolução; foi a forma como as pessoas responderam a essa tecnologia que provocou mudanças sísmicas na forma de fazer a guerra» (p. 10). Para chegar a esta conclusão, o autor estudou um vasto conjunto de batalhas e campanhas. Na revolução da pólvora, debruçou-se sobre as batalhas da armada espanhola (1588), Breitenfeld e Lützen (1631, 1632) e Assaye (1803); na revolução industrial, abordou as batalhas de Königgrätz (1866), Omdurman (1898) e Tsushima (1905); na segunda revolução industrial, analisou a queda da França (1940), Pearl Harbor (1941) e o bombardeamento americano a Tóquio (1945); na revolução da informação, ainda em curso, debruçou-se sobre a Guerra do Golfo (1991), Afeganistão (2001) e a Guerra do Iraque (2003-2005). As batalhas ou campanhas analisadas poderiam ter sido outras, aliás, como o próprio autor admite, mas o importante é o que deduz de cada período, e que numa análise mais abrangente lhe permitiu construir os argumentos a que chega e que constituem as reflexões para o futuro que se predispôs a redigir.

QUATRO REVOLUÇÕES PARA CINCO ARGUMENTOS

Primeiro, a tecnologia, por si só, não confere a vantagem decisiva. É o conjunto mais alargado, abrangendo táticas, organização, treino, liderança, etc., articulados no que apelida de uma «burocracia eficaz» que é necessário para realizar todo o potencial de novas invenções, concluindo, por isso, que as mudanças no poder militar têm estado muito associadas a mudanças na governação; segundo, cada revolução tem sido acompanhada por uma mudança no equilíbrio de poder internacional, decorrente da capacidade de cada potência fazer valer os frutos dessa revolução; terceiro, é preciso sabedoria para compreender onde terminam as capacidades e começam as limitações da máquina militar; quarto, nenhuma revolução conferiu uma vantagem interminável aos seus criadores, pois os rivais copiam a tecnologia e a doutrina do que não são capazes de criar por si; por fim, os processos de inovação têm acelerado a sua dinâmica – o tempo necessário desde a sua génese até se tornarem uma realidade tem diminuído ao ponto de, facilmente, um país perder o momentum e ficar para trás.

No fundo, o recado deixado é relembrar que a história está repleta de exemplos de superpotências que falharam na capacidade de tirar vantagem de importantes revoluções em assuntos militares. Ainda que os estados ocidentais tenham sido os que, nos últimos quinhentos anos, demonstraram maior sucesso como inovadores, nada garante que assim continuem, nem que esse sucesso seja consequência de um específico regime político, nomea-

damente a democracia, já que, como simplificada e sintetizada o autor – considerado em 2004 pela World Affairs Council of America uma das quinhentas pessoas mais influentes nos Estados Unidos na área da política externa – «tudo o que é preciso é algum grau de abertura à mudança, um compromisso com a meritocracia e uma capacidade para aceitar e analisar criticamente os erros cometidos» (p. 462).

O IMPORTANTE É O SOFTWARE

Um dos aspectos mais bem conseguidos na obra é que Max Boot honra o seu compromisso em seguir um rumo contrário às abordagens tradicionais das revoluções em assuntos militares, centrando-se no que julga ser o importante: o soldado debatendo-se em matar ou evitar ser morto e o seu comandante debatendo-se pelo domínio da lógica sem piedade da carnificina (p. 11). Nos *case studies* concentra-se nessa abordagem, e as consequências que identifica para cada uma das revoluções centram-se não só no *hardware* – leia-se tecnologia e sistemas de armas – mas, também, no *software* que rentabiliza a máquina – leia-se doutrina, tática, modalidades de comando e controlo, estilos de liderança, etc. Assim, não é difícil chegar à conclusão que, para se obter a vantagem militar, não é necessário ser o primeiro a produzir a nova ferramenta ou arma. O decisivo é descortinar a maneira – melhor que todas as outras – de utilizar, de forma alargada, a ferramenta ou arma disponibilizada. Esta maneira de fazer melhor pode passar por uma transição das qualidades que se privilegia em quem faz a

guerra, mesmo no mais humilde soldado: quando este, por imposição da revolução da pólvora, passou a integrar rígidas formações militares, cuja eficácia dependia da disciplina, ordem e coesão nos procedimentos para fazer fogo ou manobrar, exigiu-se-lhe «desdém passivo» ao perigo, ao contrário da «agressividade feroz» dos seus predecessores em combate com armas de gume. Na segunda revolução industrial, o sucesso dos alemães em França não esteve nos seus carros de combate, tecnologicamente menos evoluídos que os dos seus opositores franceses, mas no *software* que os fazia operar: a doutrina que os empregava como arma principal, e por isso decisiva, e não como papel secundário de apoio à infantaria, como fizeram britânicos e franceses. Também na revolução da informação, a tecnologia mais valiosa não são as armas mas o *software* que as opera. Mesmo a transferência de *know-how* entre aliados é feita após um laborioso estudo caso a caso. Até na relação especial anglo-americana não há excepções, como se verificou, recentemente, no projecto do avião de combate *Joint Strike Fighter*. A forma como se empregam as armas é que faz a diferença, a mesma que permitiu transformar aviões comerciais em mísseis balísticos teleguiados pelo melhor *software* disponível – o intelecto humano. Como nenhuma raça ou credo detém o exclusivo da sabedoria, os triunfos do futuro estão em aberto.

Com o secretário da Defesa Donald Rumsfeld demitido (algo que Max Boot já tinha sugerido em Maio de 2004) e a ele associada uma embriaguez tecnológica em

detrimento do número de efectivos nas forças terrestres – fazer mais com menos efectivos –, é bem possível que a ideia «rumsfeldiana» de «transformação» tenha os seus dias contados. Contudo, a problemática de ajustar as forças armadas à realidade, tornando-as num instrumento credível, mantém-se na ordem do dia. Fazendo o debate da transformação da defesa parte das preocupações da Defesa Nacional portuguesa e perspectivando-se transformações na sua estrutura superior, a leitura de *War Made New* traz um contri-

buto para quem tem responsabilidades nesta matéria porque, como o autor insiste na obra, a revolução nos assuntos militares exige mais do que uma simples revolução tecnológica (traduzida, muitas vezes nos países pequenos, por novas aquisições). Exige, também, uma revolução na organização, doutrina, treino e nas pessoas. Para todos os outros, historiadores, militares, diplomatas, é um interessante livro de história da guerra e de como esta evoluiu, nas suas múltiplas dimensões, nos últimos quinhentos anos. **RI**